

A questão das origens, a revelação e a ciência

Karl Heinz Kienitz

“Há inúmeras questões básicas, ou limites, aos quais o pensamento humano é incapaz de oferecer uma resposta definitiva”.¹ Egbert Schuurman

“O que antes começou com o mero pensamento pode também progredir somente no mero pensamento e não ir jamais além da ideia. O que deve alcançar a realidade atual deve também partir da realidade, e propriamente da pura realidade atual, portanto da realidade atual que precede toda possibilidade”.² Friedrich Schelling

Em boa parte da sociedade ocidental prevalece hoje a noção de que ciência e revelação (cristã) conflitam. É grande o número de pessoas que “desdenham a procura pelo conhecimento de Deus, que em sua mente (...) tomam por certo não haver Criador do mundo, do qual afirmam que por movimentos do acaso chegou à ordem e beleza que observamos, e que, a fim de privar seu Criador de todo o poder para julgar uma vida vivida em justiça ou no pecado, tomam por certo que o homem vem a ser e passa pela simples operação de uma lei natural.”³

A citação e caracterização acima indica que concepções evolucionistas e rejeição da revelação (cristã) já existiam na Antiguidade. Atualmente, contudo, são formuladas e difundidas como “científicas,” frequentemente acompanhadas de alegações de que revelação (cristã) e ciência conflitam. Para avaliar sua propriedade, convém recordar sucintamente a que nos referimos quando falamos de ciência e de revelação.

Os cristãos entendem que Deus se revelou ao homem de maneira compreensível através de palavras e acontecimentos. Tal revelação deu-se ao longo dos séculos, insere-se em contextos históricos e é plenamente realizada e completada na pessoa de Jesus Cristo. A Bíblia é o registro confiável desta revelação e constitui parte dela. A natureza criada e, principalmente, a manifestação de Deus em Jesus Cristo, além da Bíblia, integram o que os cristãos entendem por revelação. A revelação contribui com conceitos e perspectivas que definem como raciocinamos sobre a realidade. Além disto, a revelação também fornece informações diretamente sobre a realidade, por exemplo relacionadas ao propósito das coisas.

Ciência, por outro lado, é o conhecimento ou um sistema de conhecimentos que abarca verdades gerais ou a operação de leis gerais identificadas e testadas através do método científico. O método científico é um conjunto de regras básicas para o desenvolvimento de experimentos, verificações e testes a fim de produzir conhecimento e constantemente revisar, corrigir e integrar conhecimentos preexistentes. O método é baseado no uso da razão para juntar evidências observáveis, empíricas e mensuráveis. Com alguma frequência o método científico é confundido com a formulação de hipóteses e explicações plausíveis. Ciência é uma criação humana. Foi iniciada e desenvolvida no Ocidente por pessoas como Robert Grosseteste, Roger Bacon, Johannes Kepler, Blaise Pascal, James Joule e James Maxwell, que nela viam um desdobramento natural da revelação. Assim, o preceito básico de não conflito entre revelação e ciência é ao mesmo tempo histórico e ontológico (isto é, apriorístico - válido antes da discussão como tal). Aparentes conflitos entre conhecimentos adquiridos pelo método científico e conhecimentos adquiridos pela interpretação da revelação podem ser resolvidos como conflitos de interpretação e/ou entendimento dos agentes humanos,⁴

1 Em E. Schuurman. *Fé, esperança e tecnologia*. Editora Ultimato, 2016, p. 47.

2 Traduzido de F.W.J. Schelling, *Filosofia de la Revelación. Libro I: Introduccion*, Cuadernos de Anuario Filosófico, Serie Universitaria, número 51, Pamplona, 1998, p. 164. Esta é uma tradução ao espanhol da primeira parte de Friedrich W. J. Schelling, “Philosophie der Offenbarung,” edição de 1858. A tradução está disponível em www.unav.es/filosofia/jcruz/Schellingrevelacion.pdf

3 Hilário de Potiers (ca. 300 - ca. 368), Homilia sobre o Salmo 1.

4 Schelling observa que “sempre e em todos os lugares a coisa em si e o modo de seu entendimento devem ser distinguidas (...). A última é determinada pelo momento e pelas condições daquele que entende. A coisa é mais

invocando-se para tal o pressuposto da falibilidade humana.

De fato, a ciência não apenas é compatível com a revelação (cristã), mas – como estudo sistemático da natureza criada – a complementa. Tal entendimento é endossado por cientistas renomados, como Max Planck.⁵ Tomadas em conjunto com os resultados da pesquisa bíblica recente,⁶ tais constatações esfacelam a rejeição da revelação cristã com base em argumentos científicos. Assim uma insistência no (inexistente) conflito entre ciência e revelação pode ser explicada apenas com a constatação de que “o coração tem suas razões, que a razão desconhece. (...) o coração naturalmente ama a Deus, e também naturalmente a si mesmo, dependendo de a quem se entregar; e se endurece contra um ou outro de acordo com sua vontade.”⁷

Cabe, neste ponto, um retorno à discussão da outra parte da mentalidade descrita por Hilário de Potiers, uma convicção evolucionista precedida da rejeição do Criador. Para muitos, o evolucionismo e a “teoria da evolução” se confundem, e são tidos como uma teoria universal e ápice do conhecimento científico. O processo chamado “evolução” é visto como um acontecimento abrangente, que vai da “evolução” do cosmo à “evolução” da razão e da cultura, seduzindo a uma grandiosa visão geral da realidade. Apesar da dificuldade de definir o processo “evolução”, sua existência é tomada como incontestável; seus adeptos não veem motivo para verificar suas hipóteses e nem avaliar sua validade. Assim destroem sua legitimação científica ao tomar o produto de seu raciocínio não como teoria (ou modelo) para um domínio limitado de aplicação, mas como *a* verdade que a tudo se aplica e que tudo maravilhosamente explica.

O contrassenso da situação pode ser entendido com auxílio de uma analogia. Consideremos para tal a aquisição de um novo automóvel, o que hoje inclui muito mais do que o veículo propriamente dito. Um automóvel é uma solução de mobilidade, incluindo o veículo, um programa de manutenção preventiva e revisões gratuitas, um sistema de assistência 24 horas, provisões para a atualização de softwares de computadores de bordo e equipamentos de entretenimento, etc. Por ocasião da aquisição do automóvel, o manual do usuário e o funcionário da concessionária informam (revelam) o que é preciso conhecer sobre todos os itens enumerados. Se levássemos da concessionária somente o veículo, sem o manual e sem uma conversa “reveladora” com o profissional do estabelecimento, poderíamos dissecar o veículo e conduzir experimentos científicos com ele, mas nunca descobriríamos as disposições sobre o programa de manutenção preventiva, do sistema de assistência 24 horas, das atualizações de software, etc. Não é possível conhecê-los sem “revelação”. De forma semelhante, jamais seremos capazes de desmontar e reconstruir nosso veículo na sequência de montagem usada na fábrica, se não nos forem fornecidas (isto é, “reveladas”) as disposições pertinentes. A ilustração refere-se a um princípio da teoria geral de sistemas,⁸ que não se limita a sistemas tecnológicos. A teoria de sistemas nos ensina que a disposição (especificação) de um sistema jamais será conhecida completamente apenas com base em observações do funcionamento (ou da operação) do sistema que implementa ou realiza a disposição.

Quando pensamos em origens, isto é, em como tudo à nossa volta e como nós viemos a existir, somos confrontados com problemática análoga à ilustrada acima. Podemos experimentar, observar e deduzir muitas coisas importantes sobre o mundo e sobre nós. Podemos, com base em evidências, conjecturar e teorizar também sobre nossas origens. Do que somos capazes de observar podemos

velha do que qualquer representação da mesma.”

5 Por exemplo em M. Planck, *Vorträge und Erinnerungen*, S. Hirzel Verlag, Stuttgart, 1949. Citações de Planck com relação a este assunto podem ser consultadas em português no site www.freewebs.com/kienitz

6 Um resumo de resultados e conclusões da pesquisa bíblica recente podem ser conferidos em J. McDowell, *Novas evidências que demandam um veredito*. Volumes 1 e 2, Editora Hagnos, 2013.

7 Esta citação de Blaise Pascal foi traduzida da coletânea póstuma *Pensées*, de reflexões e pensamentos anotados por ele.

8 Por sistema entende-se uma coleção ou conjunto de partes que existem num todo organizado.

inferir a existência de disposições (especificações) subjacentes. Mas jamais seremos capazes de determiná-las de forma completa.⁹ Conhecimento completo nos será possível tão somente por revelação, que não é iniciativa nossa.

As considerações acima permitem entender porque Walter Heitler (ganhador da Medalha Max Planck em 1968) afirmou que “natureza definitivamente não pode ser discutida de modo completo em termos científicos sem incluir também a indagação por Deus.”¹⁰ Uma teologia bíblica embasa tal discussão, pois a Bíblia trata justamente da revelação do Deus Criador: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho [Jesus]... por quem fez também o mundo; sendo ele o resplendor da sua glória e a expressa imagem do seu ser” (Hebreus 1.1-3a). Em apoio a esta inusitada “avalanche” de comunicação reveladora, a Bíblia apresenta evidências necessárias para o nosso exame. E como nesta discussão a dimensão científica não é a única dimensão pertinente, o autor da carta aos Hebreus deixa bem claro que “é pela fé que entendemos que o universo foi criado pela Palavra de Deus e que aquilo que pode ser visto foi feito daquilo que não se vê” (Hebreus 11.3).

9 A ideia de que um sistema possa surgir espontaneamente sem disposição subjacente, mantendo-se e desenvolvendo-se a si próprio é rejeitada como fruto de uma compreensão auto-referencial de nós mesmos, como explica Alfred Locker (1922-2005, Professor Emérito da Universidade Técnica de Viena). Um ponto de partida para conhecer a argumentação de Locker encontra-se em “Evolução e teoria da 'evolução' sob análise da teoria de sistemas e análise metateórica”, tradução de A. Locker, “Evolution und 'Evolutions'-Theorie in system- und metatheoretischer Betrachtung”, *Acta Biotheoretica* 32, pp. 227-264, 1983. A tradução está disponível em http://www.freewebs.com/kienitz/Locker_pt2.pdf

10 W.H. Heitler, *Die Natur und das Göttliche*, Klett und Balmer, Zug, 1974.